

# A P E N N A

ORGAN DO CLUB LITTERARIO CRUZ E SOUZA

*Sd. urançando sempre e a je vez elid uentau!*

DE ALBERT

ANNO I

Florianópolis, 3 de Dezembro de 1902

N. 4

## A S E R O Ó D A

Devido à imperfis os motivos deixou de ser distribuida com a devid: regularidade, a nossa mohesta revista, pelo que esperamos ser desculpad is pelas pessoas que muito nos honraram com suas assinaturas.

## A MORTE

Formas da matéria que em vazio des-  
nudo,  
Que invisíveis forças, e almas enco-  
[bris]  
Quem o sabe? A Morte, que conhece  
tudo...  
Mas o enigma impresso no seu labio  
[mudo]  
Sôna, freya dos mortos é que a morte  
[o diz]...

(Guerre Junqueiro, Os Simples,  
pag. 47)

A morte é uma felicidade, porque só a morte é que explica o *alem*.

Uns duvidam da existencia da vida eterna; outros crêm na vida eterna mas não sabem como é.

Ora a incerteza nos afflige, e não ha peior estado do que o da dúvida.

Difão e Então nelas que o suicídio é racional?

Não. O homem sobre a terra é um soldado em batulha. A morte é a cesação da guerra.

O soldado não pode desertar, mas pode desejar a terminação da guerra; assim, também, nós podemos desejar a morte, como a desejava Santa Thereza de Jesus, que dizia: *Mas ei por que mi amei?*

Desejar a morte como uma felicidade, não é um delito, realmente; o que não é lícito é abandonar-nos o nosso posto.

ALOYSIO PAELLET

## LONGE...

Ó Alva céleste, doce Alva que nuns o dia, todos os meus idénes e o meu ser, ó Alva, abre, em pâlmias, os teus primores, conjunção de crystals, misteriosos divinos; abre-os aos olhos da mortal humanidade, destes insectos, d'aqueles passaros, destes mares e d'aqueelas flores; abre-os e adorna este meu peito com todos elles que são a tua luz ó Alva, a tua luz bendita!...

Quero possuí-los, adorá-los n'estas mãos e resguardá-los com o meu corpo, — cyelo que todos os meus annos construiram de pedaços de amor e de esperanças!...

Não m'os recuses; apressa-te ó Alva a satisfazer esta minha anciadade, porque não tardau outras nuyens de ouro e rosa espalhar-se no céo, maravilhado pela subida do Homero do Oriental...

Dá-mos, antes... Assim!

Que bellos são os teus primores, ó Alva! Guarda-los-ei no meu coração, n'este sagrado depositario do meu sentir, longe, porém, das minhas lagrimas... longe!...

L. X.

## ESTRELLAS

Estrellas das alturas, das alturas,  
Crystallinas estrellas misteriosas !  
Redomas de ouro, que guardaes docuras !  
Encantadoras lampadas custosas !

Refugios que a minha alma d'entre as duras  
Lacinações sangrentas, dolorosas,  
Busca do Azul nas doces curvaturas,  
Por horas vagas e silenciosas!...

Aliri-vos, campos de lyriates com lyrios,  
Por sobre a minha dor, os meus martyrios,  
E enchei-me o rude coração de lendas...

Ah ! que minha alma seja em luz velada,  
Seja na vossa luz glorificada  
E com luzida pelas vo-sas tendas !...

ARAUJO FIGUEIREDO

## DE MADRUGADA

*Em retumbação, a Marcial Junior*

As frestas da juella vão fragando  
Nas trevas em meu quarto a luz d' dia,  
Baça, brumos; , fria, muito fria,  
Como para aquecer-se outra esperando.

Stridente nos quintaes, anunciando  
Aqui, além, o canto desafio  
Dos gallos... Cacarejá a companhia,  
Toda a emplumada turba acompanhando.  
A contragosto vou do leito erguendo,  
Mas quero respirar as auras mausas  
E o jardimzito men ver florescendo.

—Como orvalhado está ! quantas mudanças  
Tambem deparo... Alii, vai feneendo  
A verde flor das minhas esperanças.

THEODORICO SILVA

## DIVAGANDO

*A Irina Liríssima.*

Pelo céo tristonho de undia de chuva, espaço à fora, vôa a gaivota solitária, precursora do mau tempo, agitando as asas ríjas na atmosfera enverada e somolentâ, enquanto na praia, as ondas psalmódiam em tom plangente e o vento sacode com fúria o arvoredo desgrenhado e convulso, como um bando de mendigos famintos e nus.

\*\*

Oh! quem me dérá acompanhar-te, gaivota fugitiva, n'esse vôo pelas alturas, acima, muito acima das preoccupações da vida, que constituem a grande, a interminável luta pela existência, rerudecendo dia a dia portada a superfície do planeta.

Lá, das regiões das nuvens, onde os choques das paixões e interesses não repercutem, nesse meio silencioso e tranquillo é onde com justiça se pôde aquilatar do que vai de falso por este mundo em que quasi tudo é aparente e frívolo, como frívola e aparente é a sua suposta grandesa no seio do universo.

\*\*

E villa, a gaivota solitária, lá, vai, espaço à fora, desrevendo na curvatura plumbica do céo tristonho o seu vôo para o infinito, enquanto na praia, as ondas psalmódiam em tom plangente e o vento sacode com fúria o arvoredo desgrenhado e convulso, como um bando de mendigos famintos e nus!

RAUL.

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM.

O sol vagarosamente descia além do elevado pináculo d'aquella verde colina e seus últi-

mos raios malisavam de purpura o setim oso manto do firmamento; a brisa mansamente passava embalsamando os ares com seu exótico perfume; as ondas brandamente gemiam sobre as niveas areias da deserta praia; a natureza, enfim, como tu, parecia trazer-me a dolorosa expressão de infinita saudade — o derradeiro adeus de despedida.

Oh! como ainda tão vivo traço em minha imaginação aquelle sombrio quadro.

Tu, em cada pranto, em cada gemido que do amago de teu coração partia, juravas-me eterna fidelidade; e eu... oh!... é impossível, é de balde que busco uma phrase com à qual possa descrever o quanto sofrria ao ouvir tua voz entrecortada de amargos soluços, halucinar-me o derradeiro adeus.

Chegou, enfim, a hora fatal, hora que eu nunca ouvir desejava....

Unimo-nos em demorado amplexo, confundiram-se nossas lagrimas e os nossos corações uniram-se para ligeiro apartarem-se envoltos no sôbrio manto que esmagadoras saudades...

— Não te esqueças de mim — eis as últimas palavras que de teus lábios partiram.

\* Não te esqueças de mim... --  
eis a suave melodia que lá, onde  
o oceano e o céo parecem confundi-  
rem-se, a brisa me susurra-  
va aos ouvidos.

Mas... como pedia em esque-  
cer-te?

Julgas por acaso que a dis-  
tância ou o tempo tenha o pa-  
der necessário para destruir  
tanto amor? ! ...

Olha! não vez o sol, aquelle  
sidere astro que lá das incog-  
tas alturas, orgulhoso reflecte-  
se nas cristalinas águas d'este  
formoso regato? !

Quantos séculos ha que com  
o mesmo calor aquece elle este  
planeta em que vagamos? !

Qual a distância que os se-  
para? !

Os serios quem os saberá?

A distância é quasi infinita!

E no entanto não o sentimos  
com o mesmo calor que nos pa-  
rece esvaldor?

La vez, pois, querida, que,  
n'm a distância, n'm o tempo,  
podem também extinguir o sa-  
grado fogo que me ateaste no  
coração!

Além de que, louquinha, não  
sabes que és minha vida e que  
deixar-te é morrer? ! ...

F. XAVIER

## SOMNAMBULISMO

A José R. PRATES

Noite enluarada, noite que me das  
melancolia, como espáthas merecen-  
temente pelo espaço límpido e branco,  
essa luz fria e triste? !

As ondas, suavemente, vêm, n'un  
compasso moderado, bejar a praia, dei-  
xando atraz de si phosphorescências  
como lagrimas que rosciam as coralinas  
faces de virgens!

As estrelas, tristolamente, lá no  
Anil, tremem; viscelantes, seus raios  
semi-escuros pelá claridade da Lua! ...

A aragem que balia pelos ares, n'un  
rodopio sereno, traz a meos ouvidos  
uma canção ardente, uma canção de  
amor!

Na plangencia das estrophes e na  
musica melodiosa, que d'aqueles pe-  
tos enamorados sahem, minh'alma des-  
crente, annuviana de dores, ouve o  
rhythmo cadencioso, o cantico apaixon-  
ado d'aquellas almas calidas de illus-  
ões, d'aquellas corações que se esti-  
mam e que se querem mutuamente!

Era de um veleiro bote, tripulado  
por dois amantes, que corria plaguenté-  
mente sobre o marullar das ondas e  
sob o velário das constelações, semi-  
nebulosas, engastadas lá nô céo, que  
vinha o som d'aquella doce cantiga:

Quantas esperanças roseas, quantos  
céos cor de esmeraldas, quantas estrel-  
las de ouro refulgentes e marchetado  
de brillantes e de opalas, admiravam  
e ambicionavam aqueles olhos, e  
corações fervorosos; não sentindo, por-  
ém, a ephemericidade de tudo e não via-  
jando na realidade? !

Como é feliz o peito que sente os  
perfumes do encanto, da ilusão, da ex-  
pérfaga e do amor, flores que sempre  
teem viço e frescura, sempre belas e  
agradáveis! . . . . .

Mas quando o fumo da descrença, do  
desengano e das misérias da vida en-

negrecem todo o idéal, toda a aspiração, todo o folego de um peito que ancia viver gostosamente, mas vale morrer, mais vale dormir no po, profundamente!!!

Noite enluarada, noite que simboliza a melancolia, como espalhas morenamente em minha alma dolorida e pelo espaço de azul esmaecido, essa lúz fria e triste??!

*Marchel Junior*

## O SOFRIMENTO

*A Alentejo*

Amar e não ser correspondido é um grande sofrimento.

Conheci uma jovem que amava apaixonadamente a um moço de origem alemã, alto, olhos azuis, lábios

entreabertos divisando um sorriso de hipocrisia. Esta moça sofreu horrivelmente por sua causa, pois, lhe devotava um amor sincero e puro.

E elle com phrases doces e carinhosas encorajava-lhe á affrontar todos os sofrimentos, todas as agruras com resignação...

Passaram-se os tempos e este moço de coração petrificado, abandonou-a, deixando-a imersa em profunda dor e a outra foi consagrar o mesmo amor fugido, o mesmo amor hypocrita que a ella tinha dedicado.

Mequinho é o homem que assim procede; hoje elle vive alegre e presenteiro, rindo e folgando com seus collegas, tratando-a talvez de louca, enquanto que ella acabrunhada e triste regolheu-se ás didas. — *Ceto Barreto*



## ACROBATA DA DOR

Gargalha, ri, num riso de tormenta,  
Como um palhaço, que desengonçado  
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado  
De um ironia e de uma dor violenta,

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,  
Agita os guizos, e convulsionado  
Salta, grava e se salta clown, varado  
Pelo estertor d'essa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!  
Vamos! retéza os músculos, retéza  
Nessas macabras piruetas d'aco,

E embóra caías sobre o chão, fremente  
Afogado em teu sangue estremoso e quente,  
Ri! Coração, tristíssimo palhaço!

CRUZ e SOUZA

## RECORDAÇÃO

Quando eu entro no quarto onde dormias,  
n'esse ninho de flores perfumado—  
onde por ti foi docemente amado:  
gozando teu amor entre alegrias;

Nesse sacrario, cheio de harmonias  
onde sem conta fui por ti beijado—  
ainda sinto o perfume adocicado  
que alli rolava por doirados dias...

Entao me atiro sobre o leito triste  
e abraço o travesseiro que'inda existe  
com a quentura dos cabellos teus...

Depois ergo-me alegre e n'un delyrio  
beijo de novo as petalas do lyrio  
que tu me deste, murmurando adeus!...

TIMOTHEO MATA

## SOMBRIAS

*Ao amigo Irineu Liceamento*

Existe dentro em mim tanta tristeza, tanta  
Que os dias me parecem feitos só de Dores.  
Si o Riso aos labios veiu-me a Dor logo o supplanta.  
E vão-se as alegrias, voltando os dissabores.

Se a aurora vai morrendo e o dia se levanta,  
De alegria banhado e cheio de esplendores:  
Na matta a passarada alegremente canta,  
E toda a Natureza se reveste em flores.

No entanto dentro em mim este soffrer dispera,  
Qual sentinella maldita, sempre alerta.  
A massacrar-me o peito, a massacrar-me a vida.  
Se me abandonam a fé, a esperança, tudo...  
A minha prece Senhor não sejaas inundo:  
Dae-me da terra o seio por guarida.

FRAVIER

# EBRIO

Dentro, na escura tasca envernizada  
pelo tristonho fumo voltante,  
d'uma candeia velha que constante,  
derrama uma luz fraca esbranquiçada.

Ele passava as noites d'invernaida,  
bebendo no conjineto delirante,  
de mil devassos, e depois errante  
vagaya como um'alma desprésada.

Depois findando a noite da orgia,  
ele sentia que raiando o dia,  
brotava um novo ser no peito seu;

Depois voltaya a noite, e novamente  
elle tornava a tasca loucamente,  
para beber... beber... e assim morreu.

CARMO JUNIOR

## BREVIARIO DO SONHO

De Curytiba, capital do visílio Estado do Paraná, recebemos nitido livrinho sotto o título supra e producto do jovem Carlos de Sarandy Raposo, filho da nossa conterrânea Exma. Sra. D. Euzimia Cameu e neto do fallecido e ilustrado medico Dr. Rego Raposo.

O trabalho, talvez do primo-enito de Custodio Raposo, leute a Historia e Geographia no ango Atheneu Provincial, hoje

Gymnasio Catharinense, está precedido de substanciosos juizos, firmados pela competencia dos Surs. Euclides Bandeira e Dario Vellozo, os quaes bastam para recommendal-o á leitura publica e prestigiar o nome de seu auctor, o dito jovem Sarandy, infelizmente roubado ás letras na primavera da vida.

Gratos pela gentileza da remessa.

## IRMÃO JOAQUIM

Agradecemos a esta filantropica Associação, os convites que nos tem dirigido para assus conferências.

## POSSE

No dia 17 do mês findo, assistiu a direcção da *Sociedade Literária e Recreatória Colheiriana*, a directoria eleita no dia 6 de Outubro, proximo findo, a qual ficou assim constituída: Presidenta, D. Ercilia Silveira; Vicepresidenta, D. Alayne Alves; 1º Secretaria, D. Odilia Luz; 2º ditta, D. Francisca Alves; Tesoureira, reeleita, D. Cecília Madeira.

Oradora, D. Erothide Costa.

Agradecendo a honroza comunicação, fazemos votos pela prosperidade de desta sympathica sociedade, e a nova directoria, enviamos nossas sinceras felicitações.

Temos sobre a nossa modesta mesa de traballo o *Gremio Trez de Maio*, periodico que a bem pouco surgiu, na cidade de Itagahy, e o mimoso *Leyris*, desta Capital.

Aos novos collegas, a *Pena*, exemplifica e deseja-lhes prolongada existencia.

Completo mais um anno de existencia o intelligente jovem Joaquim Dutra, nosso dedicado companheiro de trabalhos typographicos.

Embora tardivamente, comprimentamo-lo.

## CONCURSO

Tendo a comissão d'esta revista resolvido crear uma secção de glosas, damos, aos nossos socios, o seguinte motivo, para o proximo numero:

*Quem pode ver-te sem querer amar-te  
Quem pode amar-te sem morrer de  
l'amore.*

NOTA — Serão somente aceitas glosas em quôrteos.

## AVISOS

Tencionando darjios o.n., 5 desta revista, no corrente mês, pedimos aos nossos colaboradores, enviar os respectivas autógrafos ate o dia 16.

Toda correspondencia desto Club deve ser enviada ao 2º Secretario em exercicio, Sua, Euclides Ignacio Domingues, a rua 28 de Setembro, 335.

No proximo numero daremos começo a publicação dum minimo folhetim, primo-risca obra do sempre lembrado e triplor José de Alencar.

Aos nossos assinantes em atraso, mais una vez, pedimos o obsequio de satisfazerem a importanci de suas assinaturas.

## CARMEL, CRUZ E SÁRZA

De ordem do Sua, Presidente d'este Club convidó todos os srs. socios a comparecerem no edificio do Liceu de Artes e Ofícios, no domingo, 7 de Dezembro, afim de tratar-se de a-sump de interesses para o mes Club.

O 1º Secretario interino, Euclides I. Domingues.